

NATÁLIA LUCZKIEWICZ DA SILVA (ORG)

JOÃO PAULO DE JESUS DOS SANTOS

JUVENTUDE JIRIPANKÓ:

UNIVERSIDADE E LUTA INDÍGENA.



SUA FEIRA DE LIVROS

NATÁLIA LUCZKIEWICZ DA SILVA (ORG)

JOÃO PAULO DE JESUS DOS SANTOS

JUVENTUDE JIRIPANKÓ:

UNIVERSIDADE E LUTA INDÍGENA.



SUA FEIRA DE LIVROS

JUVENTUDE JIRIPANKÓ:

UNIVERSIDADE E LUTA INDÍGENA

ORGANIZADORA:

NATÁLIA LUCZKIEWICZ DA SILVA

AUTOR

JOÃO PAULO DE JESUS DOS SANTOS

PREFÁCIO:

NATÁLIA LUCZKIEWICZ DA SILVA

EDITORAÇÃO E CAPA:

SUA FEIRA DE LIVROS

JOSÉ APARECIDO DA SILVA ROCHA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, João Paulo de Jesus dos
Juventude Jiripankó [livro eletrônico] / João
Paulo de Jesus dos Santos ; organização Natália
Luczkiewicz da Silva. -- 1. ed. -- Arapiraca, AL :
Sua Feira de Livros, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-988057-2-2

1. Cultura indígena 2. Indígenas - Direitos
fundamentais 3. Indígenas - Educação 4. Indígenas -
História 5. Indígenas - Línguas 6. Povos indígenas
I. Silva, Natália Luczkiewicz da. II. Título.

25-295924.0

CDD-980.4109

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Brasil : História social
980.4109

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOI: 10.5281/ZENODO.16990354

SUMÁRIO

NOSSAS HISTÓRIAS IMPORTAM!	4
O PAPEL DA JUVENTUDE JIRIPANKÓ	8
ENSINO SUPERIOR: A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE LUTA.....	10
LETRAMENTO DE (RE)EXISTÊNCIA.....	14
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	15
ANÁLISE DOS DADOS: ENTREVISTA COM O GRUPO TONÃ TOÁ	16
OS TORÉS: CULTUANDO A NOSSA ANCESTRALIDADE.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31

PREFÁCIO

Escrever o prefácio deste livro é, para mim, um momento de emoção e de reconhecimento. João Paulo, autor desta obra, não é apenas um jovem pesquisador dedicado: ele é também um exemplo de protagonismo indígena em ação. Desde o início da sua graduação, mostrou-se curioso, atento e profundamente engajado com os estudos e com a vida acadêmica. Sempre disposto a aprender, João Paulo se destacava pelo rigor na pesquisa, pela atenção aos detalhes e, sobretudo, pela generosidade com colegas, apoiando-os em momentos difíceis, compartilhando conhecimentos e fortalecendo laços.

A trajetória de João Paulo reflete a força de sua comunidade, a aldeia Jiripankó, e o compromisso com a preservação de sua cultura. Sua participação no grupo Tonã Toá, que é central para a pesquisa aqui apresentada, demonstra dedicação à tradição, criatividade, liderança e sensibilidade. Através desse grupo, João Paulo e outros jovens protagonizam a propagação de saberes culturais, promovem a valorização de sua identidade e garantem a continuidade de rituais, danças e práticas ancestrais.

Esta obra vai além de um registro acadêmico. Ela é um relato vivo da juventude Jiripankó, das lutas por reconhecimento e pelos direitos educacionais, e da universidade como um território de transformação e resistência. Ao mergulhar nas experiências, entrevistas e reflexões do autor, o leitor percebe a força da cultura indígena, o valor da educação intercultural e a importância das histórias que muitas vezes permanecem invisíveis.

Nosso João Paulo nos oferece, com esta obra, um convite: ouvir, aprender e reconhecer a potência das juventudes indígenas que constroem saberes, afirmam identidades e inspiram transformações. Por meio dessas páginas, ele nos lembra que a pesquisa e o compromisso social podem caminhar juntos, e que a academia só se torna verdadeiramente plural quando se abre para experiências que vêm de comunidades historicamente marginalizadas.

Natália Luczkiewicz da Silva
Doutoranda em Linguística (PPGLL/UFAL)

APRESENTAÇÃO

Juventude jiripankó: universidade e luta indígena é uma obra que se propõe dar visibilidade à juventude indígena do povo Jiripankó, localizada no alto sertão de Alagoas, mostrando como tradição, cultura e educação se entrelaçam na formação de protagonistas da sua própria história. Este livro nasce da experiência vivida pelo autor e pesquisador em contato com sua comunidade, observando e participando dos rituais, festas e celebrações que preservam os saberes ancestrais. Por meio do Toré, das danças, das corridas e da produção artesanal, a juventude Jiripankó reafirma identidade, pertencimento e resistência cultural.

A obra destaca o papel da universidade como território de luta, um espaço onde jovens indígenas, ao ingressarem no Ensino Superior por meio de programas interculturais, consolidam protagonismo, rompem estereótipos e fortalecem a representação de seu povo. A narrativa evidencia, assim, a importância da educação superior não apenas como aquisição de saberes formais, mas como oportunidade de ampliação de direitos, preservação cultural e transformação social.

Neste livro, o leitor encontrará reflexões teóricas sobre juventude, letramento de resistência e educação intercultural, dialogando com os estudos de Dayrell, Street, Santos, Souza e Moita Lopes, entre outros. O livro também apresenta entrevistas com membros do grupo Tonã Toá, jovens líderes que, por meio de apresentações culturais e práticas educativas, garantem a continuidade das tradições Jiripankó e inspiram novas gerações.

Cada capítulo revela o entrelaçamento entre experiências pessoais, coletivas e acadêmicas, mostrando que história, cultura e educação são dimensões indissociáveis na afirmação de uma identidade indígena viva e ativa. Desse modo, *Juventude jiripankó: universidade e luta indígena* convida o leitor a ouvir, compreender e se engajar com essas narrativas, reconhecendo a força de um povo que resiste, cria e transforma.

Natália Luczkiewicz da Silva
Doutoranda em Linguística (PPGLL/UFAL)

NOSSAS HISTÓRIAS IMPORTAM!

“Meu Deus, que aldeia é essa que eu nunca andei
aqui, aldeia jiripankó nascida no ouricuri?
Aldeia jiripankó nascida no ouricuri.
Aldeia jiripankó não tem rio para atravessar só
tem fonte de mineração riqueza em nosso lugar.
Na chegada desta casa, venho cantando o meu
toré dando viva ao cacique e louvando o nosso
pajé [...]”.
(Toré do povo Jiripankó)

O amor pela minha cultura e pelo meu povo reina dentro de mim. Através dos meus pais e da minha família, por estarem sempre inseridos nesse campo cultural da comunidade, sempre tive vontade de participar dos movimentos culturais e, desde de pequeno, acompanho os rituais do meu povo. Nas festas realizadas todos os anos, como as corridas (a flechada do umbu e a dança do cansanção), passava noites e noites nas bordas do terreiro, presenciando momentos incríveis. Dançava toré aos sábados à noite e aos domingos à tardezinha. Isso me fez um jovem participativo e engajado dentro da minha cultura.

O Toré é uma forma de diversão para a comunidade e é gratificante participar desses momentos, pois é a nossa música, uma música indígena, que reverbera como uma forma de homenagear os nossos seres de luzes, ou melhor dizendo, os nossos encantados¹. Portanto, acredito que obtive o conhecimento que hoje tenho, porque o meu povo me ensinou. Em meio às rodas de conversas com os anciões, adquiri um grande saber que preservo e carrego, haja vista que é a minha história, ou seja, a cultura e a tradição do povo Jiripankó.

Ser um jovem indígena, para mim, é ser conhecedor do saber do grupo em que vivo, é entender o valor do meu povo, da minha cultura e da minha identidade, manter as raízes ancestrais e carregar a responsabilidade de preservar a nossa história. É saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos, nunca esquecendo das nossas raízes.

Ao ingressar na universidade, no curso de Letras, por meio de um programa

¹ Os encantados são seres místicos ligados ao universo indígena, seres centrais da cosmologia do povo jiripankó como guardiões sagrados que representam a ligação entre o real e divino.

intercultural, observei como esse ambiente pode ser um grande aliado para nós povos indígenas. Além disso, trata-se de uma conquista muito importante, pois sei do valor social que isso representa para a minha comunidade, na qual posso ser um porta-voz das nossas histórias e um agente participativo na luta pelos direitos do meu povo.

Em uma sociedade marcada por estereótipos que negam a nossa existência, faço parte de um grupo que almeja reconhecimento, e é exatamente nesse território (universidade) que intensificamos essa representatividade. A universidade é um espaço que temos que ocupar, tornando-a também um território indígena.

A escolha temática desta pesquisa foi pensada em direção a uma abordagem de investigação que valoriza o protagonismo da juventude indígena do povo Jiripankó, dando-lhe visibilidade em meios aos movimentos culturais, compreendendo, desse modo, a universidade como território de luta, como espaço primordial para a garantia de uma Educação Superior.

A ideia surgiu a partir de uma proposta temática da Revista *Campiô*: “Infâncias e juventudes indígenas no Nordeste brasileiro: História, Saúde e Educação”. No início do curso, em 2019, realizei um trabalho de campo com lideranças, mestres da tradição, pessoas da comunidade que detinham um saber tradicional. Além desses trabalhos, na disciplina de antropologia ofertada pelo CLIND, ministrada pela professora Graciele Faustino, que nos possibilitou desenvolver trabalhos voltados às crianças indígenas, foi realizada uma pesquisa intitulada “O que é ser uma criança indígena? um olhar da criança Jeripankó”, apresentada no IV Estudos Cooperados e publicada nos Anais do XI abril Indígena.

Durante todo o processo de pesquisa, tive a honra e a oportunidade de entrevistar o nosso saudoso cacique Genésio Miranda. Nesse momento, o cacique falou muito sobre a juventude do nosso povo, e, partindo de suas reflexões, comecei a me engajar como jovem indígena. Diante disso, decidi pesquisar mais sobre a juventude, o protagonismo e relacionar as nossas “juventudes”, no sentido de diversas, ao ingressar em uma universidade, ocupando espaços que nos é de direito. Assim, centralizo as minhas discussões frente à perspectiva da juventude indígena do povo Jiripankó, em relação aos movimentos culturais, bem como à universidade.

Nesse sentido, sinto a necessidade de discutir sobre as desigualdades sociais às quais os povos indígenas são submetidos. A construção desses laços afetivos, mencionados anteriormente, relacionada aos conhecimentos que adquiri, ao longo da minha formação acadêmica, proporcionou a elaboração de um trabalho que anseia problematizar discursos coloniais ao tempo em que evidencia o protagonismo da juventude indígena e a possibilidade de acesso aos diversos espaços sociais.

Quando escolhi ser um professor indígena de Língua Portuguesa, enxerguei um horizonte de saberes, uma mudança no futuro da minha comunidade e em relação à garantia de direitos até então negados. Todos os dias, convivo com estereótipos e situações de marginalização social, contudo, continuo usando da minha força e do espaço acadêmico que ocupo, resistindo para existir e carregando a identidade Jiripankó por todos os espaços que frequento.

A partir desse anseio, o presente trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva da juventude indígena da comunidade Jiripankó, localizada no sertão alagoano, em meio aos movimentos culturais e à universidade, considerando-a como um território de luta. A pesquisa foi realizada focalizando nos jovens Jiripankó, que se engajam nas lutas, estudam, trabalham e que não medem esforços para manter a sua cultura viva.

Para tanto, realizei uma entrevista semiestruturada com três membros do grupo *Tonã Toá*, criado por uma jovem liderança da comunidade, em 2020, com o intuito de engajamento e visibilidade da juventude da referida etnia. Atualmente, o grupo participa de vários eventos comemorativos dentro da aldeia e até mesmo em cidades e povoados circunvizinhos.

A entrevista foi realizada na Escola Estadual Indígena José Carapina e gravada no formato MP3, nos dias 11, 15 e 26 de janeiro de 2023. Por questões éticas, foram utilizados nomes fictícios para se referir aos participantes. Durante a entrevista, discutimos acerca da temática do protagonismo e da juventude, abrangendo os interesses culturais do grupo.

Como embasamento teórico, recorri a alguns pesquisadores como Dayrell (2003), Dayrell e Gomes (2009), Street (2014), Santos, Ferreira e Santos (2022); e ao Plano Pedagógico do Curso de Letras da Licenciatura Intercultural (CLIND-AL,

2018). Além disso, realizei algumas reflexões sobre o Letramento de Resistência (Souza, 2011), considerando a união entre espaços não formais e formais de ensino (aldeia e universidade) para a construção de um diálogo e para a formação cidadã desse grupo que, por vezes, foi silenciado. Cabe ressaltar, portanto, que este trabalho está fundamentado na Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2022), a qual prevê a relação entre a linguagem e as vivências sociais.

Este livro segue organizado em cinco capítulos. No primeiro, discorro sobre a importância da juventude Jiripankó; no segundo, reflito sobre o papel da universidade na formação dos jovens indígenas, a partir do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas; no terceiro, discuto sobre os letramentos de resistência; no quarto, exponho a metodologia da pesquisa. E no quinto realizo a análise das entrevistas atravessadas por discussões acerca de alguns torés utilizados pelo grupo *Tonã Toá* em suas apresentações.

O PAPEL DA JUVENTUDE JIRIPANKÓ

O povo Jiripankó está localizado no Alto sertão de Alagoas, município de Pariconha. A comunidade indígena tem uma vasta riqueza cultural, na qual são realizados diversos rituais. “Enquanto grupo étnico vem se perpetuando através de interações culturais dentro das quais compartilham conhecimentos, crenças, hábitos, valores, atitudes, códigos morais e éticos indispensáveis à criação de sua organização social” (Peixoto, 2018, p. 20). Essas manifestações foram transmitidas ao longo de diversas gerações, e, hoje, são mantidas por lideranças, grandes anciões detentores do saber da aldeia. Quando escolhi essa temática, atentei discutir sobre como a juventude e o protagonismo são temas multidimensionais, fazendo-nos refletir sobre as suas significações em meio às lutas por uma educação, saúde, cultura, lazer, entre outros direitos, diferenciados.

Nesse sentido, a juventude se torna muito importante para a propagação cultural da aldeia e para o reconhecimento da diversidade de interesses diante da nossa sociedade. Os jovens Jiripankó têm buscado diversas *possibilidades de ser e de viver*, em meio a esse novo modelo social, muitos têm saído da aldeia para trabalhar em outras cidades; outros ocupam cadeiras nas universidades; e há aqueles que permanecem na aldeia, seguindo os passos dos seus ancestrais. No entanto, independentemente dos espaços que ocupam, a maioria dos jovens tem demonstrado um papel ativo na luta por direitos da comunidade, alcançando lugares que lhes são de direito, sem esquecer suas raízes.

Para compreendermos melhor a juventude, precisamos conceituá-la, sabendo que ser jovem não está somente ligado ao desenvolvimento biológico. Assim, Dayrell e Gomes (2009) apontam que a juventude é uma construção social iniciada na adolescência, entendida também como um período de transformações biológicas, psicológicas e de integração social. A partir desse olhar, em relação à juventude, entendemos que há uma diversidade de jovens, ou seja, *juventudes*. Diante dessas diversas práticas socioculturais, os movimentos promovem a preservação histórica, transmitindo-a para diversas gerações.

A juventude Jiripankó vem se consolidando a partir de iniciativas próprias, entre elas, podemos citar dois grupos: o *Tonã Toá* e o *Guerreiras Curi Croá*. Este

último é composto apenas por mulheres que promovem experiências através do artesanato.

Neste estudo, contamos com a colaboração de jovens participantes do *Tonã Toá*. Este grupo foi criado em 2020, e o seu nome traz representatividade e muito significado cultural para os povos Jiripankó, pois o termo “tonã” é utilizado para se referir à parte de cima da veste do praiá² (Figura 1), e o “toá” representa o “tauá”, ou seja, o barro branco que é utilizado nas pinturas corporais, durante os rituais (Figura 2).

Figura 1 – Máscara ou tonã



Fonte: o autor (2024).

Figura 2 – Toá



Fonte: Instagram pessoal @Wyrakitã (2024).

Nessa perspectiva, o *Tonã Toá* tem como intuito dar visibilidade, engajamento e fortalecimento à juventude Jiripankó. Além disso, promove conhecimento, troca de saberes e experiência como fortalecimento de cultura e da identidade. Por esses motivos, escolhi representantes desse grupo para fazerem parte desta pesquisa, uma vez que eles, enquanto jovens, assumem o papel de preservação cultural. Compreendo, pois, que preservar a identidade do povo não significa abdicar de outros papéis sociais. Diante disso, na próxima seção, discorro sobre a importância da universidade para os povos indígenas.

² Termo utilizado para se referir aos participantes dos rituais.

ENSINO SUPERIOR: A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE LUTA

Nas palavras de Pardo (2019, p. 200), “as políticas educacionais recentes no Brasil buscam naturalizar a ideologia dos grupos dominantes, em detrimento da legitimação da diversidade epistemológica de grupos marginalizados”. Isso resulta na marginalização dos saberes locais e limita a variedade de perspectivas e abordagens de conhecimentos disponíveis.

Pensar a respeito da presença indígena na universidade, é entendê-la como um espaço territorial que, desde sempre, deveria ser aberto ao nosso povo. A presença da população indígena, neste ambiente, auxilia na ruptura de estereótipos que apresentam uma visão colonizadora sobre o que é ser indígena.

Atualmente, estamos alcançando alguns direitos que, até pouco tempo, nos eram negados. Por meio dos vestibulares e processos seletivos, conseguimos ingressar no ambiente universitário. Nessa perspectiva, Kayapó e Schwingel (2021, p. 4) salientam que

A formação escolar e os processos seletivos de ingresso nas universidades excluem os povos indígenas em, pelo menos, dois aspectos complementares: a) a formação escolar para as pessoas indígenas está precarizada em seu funcionamento e b) a formação escolar e os processos seletivos para ingresso nas universidades não têm levado em consideração as especificidades e conhecimentos desses povos.

No entanto, ainda há sérios problemas no processo de inclusão das nossas comunidades no Ensino Superior, em que, diversas vezes, não conseguimos permanecer nos cursos em decorrência do trabalho, filhos, atividades religiosas, ou mesmo financeiras, para nos locomovermos até os locais de aula.

Diante disso, vemos um cenário em que, na lei, a educação é entendida como um direito de todos, mas na prática, nem sempre acontece. A Lei Federal 9393/96, no seu artigo 78, inciso I e II estabelece que

O sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência de ensino e pesquisa, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a

valorização de suas línguas e ciências;

II – Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas (Brasil, 2017, p. 49).

Com a implementação da LDBEN, foi atribuída aos sistemas estaduais de ensino a educação indígena. A partir disso, muitos jovens indígenas têm a oportunidade de cursar a Educação Superior por meio de programas específicos, centrados no ensino intercultural. No estado de Alagoas, a universidade estadual, mais especificamente, o *Campus* III, oferta cursos de graduação em quatro polos diferentes: Pariconha, Joaquim Gomes, Porto Real do Colégio e Palmeira dos Índios.

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) conta com cinco cursos: Letras Português, Matemática, Geografia, História e Pedagogia, e iniciou no ano de 2019, com mais de 200 estudantes indígenas de diversas etnias, a saber: Xukuru-Kariri, Tingui Botó, Aconã, Karapotó Terra Nova, Karapotó Plak-ô, Kariri-Xocó, Wassu-Cocal, Katokinn, Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Jiripankó. Em sua primeira versão, na qual a agência de fomento era o Governo Federal, o Programa de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) formou mais de 80 professores indígenas que, atualmente, lecionam em escolas aldeadas, servindo de inspiração para a nova geração.

O CLIND é um programa específico para formação de professores indígenas. Para isso, a instituição propõe um currículo diferenciado voltado ao atendimento especializado e centrado no princípio da interculturalidade, do multiculturalismo e da etnicidade. Portanto, a licenciatura intercultural indígena tem por objetivo:

Graduar indígenas em nível Superior, a fim de habilitá-los para exercer a docência no Ensino Fundamental e Médio, tendo como princípio metodológico a aprendizagem, através do ensino, pesquisa e extensão. Esse processo terá como base o respeito à interculturalidade, ao multiculturalismo e à etnicidade, a fim de atender às necessidades de uma escola que responda às especificidades e processos históricos dos povos indígenas (PPC/CLIND, 2018, p. 25).

O acesso dos povos indígenas ao Ensino Superior perpassa por vários aspectos, limites e desafios, em relação à educação intercultural ou até mesmo ao acesso e à permanência. Para essa comunidade, a universidade é um espaço de direito, em que devemos conquistá-lo, pois é um território de compartilhamento de

saberes, experiências e existências. Diante disso, é necessário aprofundarmo-nos cada vez mais nessas discussões, com o intuito de garantir uma educação de nível superior que assegure os nossos direitos e que respeite as nossas diferenças, a partir da interculturalidade.

A UNEAL *Campus* III, como mencionado acima, vem promovendo um ensino voltado aos povos indígenas. No Plano Pedagógico de Curso (PPC/ CLIND) (2018, p. 14-15), é relatado que “o acesso à educação como bem universal que se configura como elemento de transformação do ser humano é um direito assegurado a todos os indivíduos”.

Observamos um movimento crescente de inclusão dos povos indígenas nas universidades públicas. Cursos como este, de matriz intercultural, promovem a troca de saberes, o protagonismo e o diálogo, fazendo com que o nosso povo seja respeitado. Desse modo, pensando numa perspectiva plural, o CLIND vem proporcionando a formação de professores indígenas e colaborando para a formação de cidadãos aptos a afirmar a identidade étnica e a valorizar os costumes e tradições, articulando os conhecimentos aos conteúdos culturais autóctones no cotidiano das aldeias, entendidas como laboratórios vivenciais dos graduandos, alunos e comunidades indígenas (PPC/CLIND, 2018). Nessa perspectiva, Santos (2023, p. 25) argumenta que

Nos últimos anos, o ingresso de estudantes indígenas em cursos de graduação e de pós-graduação nas Universidades tem mudado esse cenário e, aos poucos, estamos formando nossos próprios quadros profissionais. Com isso, estamos alterando nossas posições na hierarquia da produção do conhecimento científico, passando de “objetos” – vistos, muitas vezes como “exóticos” – para sujeitos das pesquisas.

A experiência no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena serve como um ponto de encontro e de articulação entre indígenas de diferentes comunidades, fortalecendo a solidariedade e a troca de experiências. A universidade se tornou um espaço para a sensibilização e para a conscientização da sociedade não indígena sobre os nossos direitos e sobre a nossa cultura.

Diante disso, essa formação atravessa a identidade do professor indígena como um mediador de conhecimentos étnicos e culturais, no local de atuação. Esse curso não só reforça a inclusão e a garantia de direitos dos indígenas a um ensino

público de qualidade e intercultural, como também serve de espelho para as crianças que poderão ver os seus parentes³ como professores, tornando-se uma inspiração.

A universidade, considerada como um espaço promissor de construção de novas epistemologias e pensamento crítico, desde sempre, deveria ser um território mais inclusivo, capaz de acolher todas as identidades indígenas. No entanto, a academia ainda é um espaço onde corpos indígenas não são aceitos, pois enfrentam desafios estruturais que vão desde o estereótipo do é ser indígena até a falta de representatividade docente e nos currículos. Assim, ressalto que a presença indígena nesses territórios universitários é essencial para transformar a universidade em um território de luta, pertencimento e resistência. A luta pela ocupação dos espaços acadêmicos torna-se urgente, em um contexto social que historicamente silenciou e marginalizou essas vozes.

Apesar de vários desafios enfrentados para ingressar no Ensino Superior, há avanços, como a criação de editais específicos para candidatos indígenas em universidades brasileiras, a exemplo da UFMG, UFBA e UnB, que busca garantir acesso e permanência dos povos indígenas no Ensino Superior. Além disso, em nossa região, temos a presença de estudantes indígenas na UFAL Sertão, o que reforça essa luta. A academia como um espaço de aprendizado mútuo evidencia que os conhecimentos indígenas são essenciais para transformação cultural e epistemológica do conhecimento. Cada conquista reafirma o direito de existir e de aprender com dignidade e com uma Educação de qualidade. Seguindo esse pensamento, na próxima seção, discorro sobre o letramento de (re)existência, considerando a interrelação entre a universidade e a comunidade na construção dos saberes.

³ O termo “parentes” é utilizado para nos identificar como um só povo que luta pelos mesmos interesses, uma vez que cada povo/comunidade tem sua própria forma de organização, mas a luta é uma só, ou seja, é coletiva.

LETRAMENTO DE (RE)EXISTÊNCIA

Em uma sociedade onde muitas vozes são silenciadas e precisam resistir ao projeto civilizatório promovido pela elite hegemônica para realmente existirem, é necessário REEXISTIR. Essa luta pela reexistência se intensifica em um contexto social, político e econômico que nos oprime diariamente, exigindo que nos reposicionemos em nossos lugares de atuação, proposição e ação política, em que a linguagem desempenha um papel fundamental (Souza; Jovino; Muniz, 2011). Muitos grupos e indivíduos só estão vivos hoje porque resistem às adversidades às quais são submetidos, porque lutam por seus direitos e recusam o silenciamento.

Nessa perspectiva, envolvendo uma formação cidadã humanizadora, os postulados teóricos que orientam esta pesquisa e a nossa prática cotidiana, chamo atenção para o conceito de Letramento de Reexistência que, de acordo com Souza (2011, p. 36), “mostra-se singular, pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribui para a desestabilização do que pode ser considerado como discurso já cristalizados”.

O letramento de reexistência exerce um papel crucial na preservação e no fortalecimento de identidades, culturas e lutas. É um processo que vai além do domínio da escrita e da leitura convencional, envolvendo a valorização e a revitalização das línguas, a produção de textos que reflitam suas narrativas e perspectivas, e o uso da escrita como uma ferramenta de empoderamento e de resistência contra a opressão histórica e a marginalização.

Ao trazer os saberes da comunidade para a academia, os jovens indígenas enriquecem a universidade com perspectivas e saberes diferenciados, rompendo com a visão eurocêntrica predominante. Tornam-se agentes de transformação, apresentando uma visão mais ampla e contextualizada das questões sociais, culturais e ambientais, e incentivando a reflexão crítica sobre as formas de conhecimento e de poder.

Nesse sentido, a união do conhecimento local ao conhecimento científico e sistematizado auxilia no letramento de reexistência, em busca de desconstruir preconceitos e reivindicar espaços. No próximo capítulo, apresento alguns trechos retirados da entrevista realizada com três participantes que compõem o grupo *Tonã*

Toá, da aldeia Jiripankó. Ademais, realizo a análise de alguns torés que são utilizados ao longo das apresentações do grupo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, na qual abro espaço para a discussão sobre a juventude indígena e as suas diferentes atuações: representação política, estudantes de nível superior e grupo cultural. Além disso, trata-se de um estudo etnográfico, o qual é uma abordagem essencial no campo das ciências sociais e humanas, e auxilia no processo de compreensão das complexidades culturais, por meio de um estudo imersivo (Mattos, 2011). Escolhi essa abordagem porque participo ativamente das práticas, rituais, crenças e interações sociais desta comunidade.

Um dos instrumentos mais utilizados para a coleta de dados numa pesquisa etnográfica é a entrevista. Através dessa técnica, o pesquisador tem a oportunidade de obter informações detalhadas e contextualizadas diretamente dos participantes da pesquisa (Gil, 2008). Portanto, realizei uma entrevista semiestruturada, com três participantes do grupo *Tonã Toá*. A coleta foi realizada na Escola Estadual Indígena José Carapina, local em que as entrevistadas estudam o Ensino Médio.

O material foi gravado no formato MP3, e, posteriormente, transcrito para facilitar o processo analítico. Neste trabalho, focarei nas respostas concedidas às seguintes perguntas: 1. Qual foi o objetivo de formar o grupo *Tonã Toá*? 2. Qual é a participação dos jovens nos movimentos da aldeia? 3. Como você tem visto o acesso à universidade aos jovens Jiripankó?

A partir das entrevistas, pretendo capturar e interpretar o significado e a lógica subjacentes aos comportamentos e sistemas simbólicos da comunidade colaboradora.

ANÁLISE DOS DADOS: ENTREVISTA COM O GRUPO TONÃ TOÁ

Em relação à primeira questão, Kawannam⁴ apresentou a seguinte resposta:

Fragmento 1 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

Kawannam: É um meio para fortalecer a nossa identidade primeiramente, mas acredito que não a identidade também mas fortalece as nossas lutas em meios... como diz aquele ditado “uma andorinha só não faz verão”. A gente criou para... tem vídeos e fotos, a gente faz apresentação fora, somos convidados para apresentações. Mas para mim significa de fortalecimento, persistência e com certeza de resistência para o povo Jiripankó, porque um grupo formado por jovens é muito gratificante pra comunidade.

Fonte: o autor (2024).

Figura 3 – Apresentação do grupo Tonã Toá



Fonte: acervo do grupo Tonã Toá (2023).

No fragmento acima, verificamos que o *Tonã Toá* promove um fortalecimento identitário para o povo Jiripankó e para a juventude que precisa estar à frente desse movimento de preservação, luta e resistência, para manter sua cultura mais forte. A entrevistada faz uso de um ditado popular para exemplificar o papel deste grupo na comunidade: “*uma andorinha só não faz verão*”. Ninguém chega à lugar algum só, muito menos ao exílio. Nem mesmo os que chegam desacompanhados de sua família, de sua mulher, de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos.

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo

⁴ Nome fictício.

molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões[...] (Freire, 1992, p. 16).

Diante dessa perspectiva, compreendemos que uma pessoa não consegue fazer tudo sozinha, por isso, é necessário que sejam formados grupos que visem esse fortalecimento cultural, ainda mais nos últimos anos, em que as populações indígenas foram alvo constante de violências por parte dos próprios governantes do país⁵.

Nas palavras da entrevistada, a luta indígena é de todos, sendo o *“protagonismo muito importante, porque representa quem nós somos, representa o que a gente faz, nossa atividade, deveres e aprendizagem”*. Neste momento, ela ressalta um ponto muito importante: a aprendizagem. É preciso que os jovens percebam o quanto a cultura ensina, que ao chegarem nos espaços formais de ensino, não abandonem os conhecimentos advindos da sua comunidade, pois “o letramento se torna uma chave simbólica para vários dos problemas mais graves da sociedade: questões de identidade étnica, conflito, sucesso (ou fracasso) podem ser desviadas na forma de explicações sobre como a aquisição do letramento pode ser aperfeiçoada e como a distribuição do letramento pode ser ampliada” (Street, 2014, p. 141). Por esse motivo, é importante que os povos indígenas desenvolvam essas práticas de letramentos sociais, bem como de letramento de reexistência para que possam reivindicar por seus direitos nos espaços de convivência.

Diante dessas reflexões, a segunda entrevistada também destacou alguns elementos que ajudam no processo de validação do grupo juvenil na comunidade, conforme verificamos no fragmento 2.

Fragmento 2 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

Janaína: No caso de [nome da liderança do grupo], é passar o conhecimento na luta, seja orientado para não deixar que quando os mais velhos se acabaram cedendo o lugar para não ficar aquele lugar esquecido as apresentações nos lugares e no meu ponto de vista é gerar conhecimento, engajar o jovem, levar o nome Jiripankó mais adiante.

Fonte: o autor (2024).

De acordo com a resposta concedida, observamos que o grupo representa

⁵ Refero-me ao antigo governo, vigente entre 2018 e 2022.

uma troca de conhecimento, de saberes e de experiência, além de buscar o engajamento dos jovens em meio aos movimentos. A colaboradora fala sobre o representante do *Tonã Toá* que, em decorrência da rotina, pois é presidente do Conselho de Saúde Indígena e estudante universitário, não pode participar da entrevista.

Neste momento, retornamos à discussão de que a possibilidade do jovem sair da aldeia para estudar e/ou trabalhar não anula a sua persistência e vontade de colaborar para a melhoria da sua comunidade, e nem anula o sentimento de pertencimento. Vemos, por exemplo, o caso deste jovem que, apesar de possuir uma série de atribuições, é considerado um representante ativo, servindo de inspiração para outros jovens.

Partindo para a segunda questão, Kawannam destaca o caráter de completude existente entre a presença da juventude e a preservação dos rituais, conforme exposto:

Fragmento 3 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

Kawannam: Sobre essa questão, a gente percebe muito que muitos jovens participam da nossa tradição, dos nossos rituais principalmente do grupo...porque vamos dizer é os rituais que sustenta nossa comunidade, mas também é nós jovens que sustenta os rituais, os rituais nos fortalecem e nós fortalecemos os rituais.

Fonte: o autor (2024).

Figura 4 – Jovens indígenas participando de um ritual na aldeia Jiripankó



Fonte: acervo do grupo Tonã Toá (2023).

Para os jovens Jiripankó, é muito importante ter essa participação nos rituais dentro da comunidade, pois a cultura é passada de geração para geração, com o anseio de ser preservada. Com base nessa discussão, Krenak (2020) fala sobre a cultura do bem viver, trazendo consigo a relação ancestral de que “a gente tem em comum uma experiência de ter um vínculo com os nossos ancestrais. Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui [...]” (Krenak, 2020, p. 28).

Nesse sentido, compreendo que a vida material não é eterna e que hoje nossos anciões estão à frente, mas um dia, nós jovens é que estaremos neste lugar, pois, através dos saberes construídos, continuaremos essa jornada de muita luta. Portanto, para os jovens, os rituais são uma forma de fortalecimento e de protagonismo que mantém a união em busca da conscientização sobre os seus papéis culturais, uma vez que somos o presente e o futuro da nossa comunidade.

Dayrell (2003, p. 40) salienta que “uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”. A passagem da juventude para a fase adulta é complexa, é uma geração marcada pelas experiências da vida. Diante disso, considero que a juventude indígena Jiripankó tem uma presença marcante em meio aos movimentos, interna ou externamente.

Ainda, sobre a segunda questão, Janaína destacou o seguinte:

Fragmento 4 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

Janaína: A juventude Jiripankó, eles são protagonistas, vou falar na área dos rituais da nossa comunidade, vários deles participam, prestigiam e é muito bom ver eles ali junto com a nossa comunidade com os mais velhos, que é a geração que futuramente irá está ali representado é os jovens que faz a diferença. Acredito que futuramente os jovens daqui de Jiripankó tenham mais protagonismo e mais empenho em nossos rituais, não só nos rituais, mas também que eles possam pensar e criar uma expectativa de entrar na universidade que é um futuro bem bom para eles, não só na carreira profissional mais também pessoal.

Fonte: o autor (2024).

No relato acima, há um sentimento de pertença, quando se diz que a juventude Jiripankó é protagonista do engajamento dentro da cultura de saber, que somos nós que iremos ocupar esses espaços futuramente, seja no terreiro ou nas

lutas externas. Nessa perspectiva, Silva (2009, p. 39) destaca que “a ideia de pertença está profundamente ligada a um lugar e a uma história de vida resistente dos povos indígenas. Nossa história, tradição, família e religião marcaram a vida e a identidade”.

A entrevistada expressa sua esperança de que, no futuro, os jovens da comunidade assumam mais protagonismo e dedicação nos rituais, não apenas neles, mas também em relação a pensar e a criar expectativas de ingressar na universidade. Ela enxerga a universidade como uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, acreditando que esse espaço pode proporcionar um futuro promissor para os jovens, ampliando suas perspectivas e possibilitando a construção de uma vida plena e realizada.

A fala da participante representa uma atitude de esperança frente aos jovens Jiripankó e a sua atuação nos movimentos da aldeia, nos quais eles têm buscado conhecimentos com os mais experientes, em locais externos à comunidade.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (Freire, 1992, p. 51).

Embora ela destaque que nem todos têm a preocupação em aprender as manifestações culturais e religiosas para seguir com a tradição, mostra-se entusiasmada em relação àqueles que têm se dedicado a essas atividades, destacando que os jovens fazem muita diferença nos rituais: *“cantar no terreiro é um papel muito importante em nossa comunidade e acredito que é os jovens que são eles o futuro da nossa comunidade”*.

O terreiro é um espaço sagrado para nosso povo, e, na visão da entrevistada: *“o Terreiro fortalece a juventude, as crianças aprendem porque é um espaço de aprendizagem para todos nós”*. Sob a visão do povo Jiripankó, a juventude gera uma expectativa de vida para a comunidade. Assim, o envolvimento ativo na cultura tradicional e na história de Jeripankó é o que confere identidade ao povo e fortalece sua resistência cultural, tradição e religião.

A manutenção desses ensinamentos é fundamental para fortalecer a cultura,

isso ocorre por meio das memórias compartilhadas pelos anciãos, dos costumes e das tradições transmitidos de geração para geração, permitindo que os novos membros da cultura se integrem plenamente à comunidade (Santos; Ferreira; Santos, 2022). Ademais, entendo que não é só na aldeia que conseguimos realizar essas ações, mas também ocupando espaços de poder, e a universidade é um deles. Assim, analiso as respostas referentes à terceira questão.

Na comunidade Jiripankó, há vários jovens ingressos na Universidade Estadual de Alagoas, por meio do programa de ensino intercultural. Em relação à essa conquista, Kawannam destaca que

Fragmento 5 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

Kawannam: É muito gratificante porque indígena é só em uma nação, embora somos todos irmão, a gente ver os indígenas ocupando espaços principalmente nas universidades é que é muito difícil chegar lá, mas com certeza tão entrando várias pessoas, ver um de nós indígena entrando na faculdade, terminando e trabalhando em sua área que deseja está, é o lugar que a gente deveria ocupar.

Fonte: o autor (2024).

Figura 5 – Alunos do Curso Intercultural participando de minicurso na universidade



Fonte: acervo do CLIND-AL (2021).

A colaboradora reforça a ideia de que o ambiente universitário é visto como uma vitória, como um espaço de luta e de resistência para a comunidade indígena, porém é um espaço que também é de direito dessa população e que é lá mesmo que esses jovens devem estar.

Com base no exposto, considero a educação algo complexo, pois sabemos que ela ainda é comandada pela elite dominante. Diante disso, quando um indígena

consegue se inserir nesse meio social, nesse universo formal, a força e a resistência passam a ser questões contínuas, para que consigam permanecer neste local. Durante a entrevista, a jovem Janaína destaca:

Fragmento 6 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

Janaína: Os jovens estão se engajando, estão conseguindo entrar na universidade é uma motivação porquê... tem esse conceito que indígena é pra tá na mata, indígena é analfabeto e a gente ver que que não, somos todos capacitados para ter um estudo, um ensino e ter oportunidades de entrar na universidade... tudo é determinação. E a sociedade tem um pensamento voltado só para aquele índio padrão no caso.

Fonte: o autor (2023).

O conceito de “índio padrão”, citado pela entrevistada, representa o índio dos anos 1500. Trata-se de um termo pejorativo colonialista, em que “índio” é aquele do cabelo liso, pele escura, que anda nu e que se alimenta de outras pessoas. No entanto, essa visão deve ser desmistificada, visto que não existe *índio*, mas sim *Povos Indígenas* ou *originários*, partindo do entendimento de que há uma expressiva diversidade de cultura, hábitos e costumes em cada etnia, e a juventude se constitui nessa realidade de vivências. Em um vídeo produzido por Daniel Munduruku⁶, em 12 de janeiro de 2024, o pesquisador fala acerca da importância política da escolha dos termos, conforme a citação abaixo:

A questão do uso da palavra “índio” sempre vem à tona dependendo do cenário onde tem algum sujeito indígena participando. Essa bola já foi levantada faz tempo. Infelizmente, muita gente não está conectada com as mudanças no uso das palavras que melhor definem cada grupo minoritário. Olha, indígena sim, índio não; indígena é afirmação, índio é negação, indígena é pertencimento, índio é apelido e apelido é negação. Simples assim. Semanticamente, a palavra índio não tem significado algum, é palavra vazia, indígena, ao contrário, quer dizer originário, de origem, raiz. Chamar povos indígenas ou originários é basicamente a mesma coisa. E vale lembrar que indígena é diferente de nativo, nativo nasce num lugar, mas não é necessariamente indígena. Eu gosto de usar, eu particularmente, gosto mais de usar a palavra indígena que originário eu acho que ela demarca melhor o território do pertencer indígena.

Com base no exposto, é possível compreender que o termo “índio” influencia para a construção de estereótipos sociais, uma vez que não dá conta da diversidade étnica e cultural dos diversos povos originários da Abya Yala. Em contrapartida, a expressão “povos indígenas” contribui para o reconhecimento e para a valorização

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5L5woVEBM08>. Acesso em: 17 ago. 2024.

interétnica, ou seja, o respeito pela cultura indígena, reconhecendo-a como múltipla.

Nos espaços de ensino formal, os estudantes indígenas enfrentam desafios particulares, como o confronto entre os conhecimentos ocidentais predominantes e suas próprias formas de saber. Nas palavras de Kayapó e Schwinger (2021, p. 4), “mesmo sendo poucas vezes dito, é importante reconhecer que a universidade, assim como a escola de educação básica, é mais uma parte de um projeto de colonialismo que buscou acabar com a diversidade, propagar uma história única e, por muito tempo, voltou-se totalmente para as elites”. De encontro a isso, a universidade pode se tornar um local de resistência, onde possamos reafirmar a nossa identidade, valorizar as nossas culturas e lutar pela inclusão de perspectivas indígenas nos currículos, na pesquisa e na vida acadêmica como um todo.

OS TORÉS: CULTUANDO A NOSSA ANCESTRALIDADE

Os torés são poemas cantados com um vasto significado e resistência para nós, povos indígenas, são memórias que preservamos, por meio das quais conseguimos ultrapassar espaço e tempo. Além de música, o toré é uma forma de diversão, de respeito e de conhecimento, pois gira em torno da nossa crença, cultura e tradição que é fortalecida entre as diferentes gerações.

Os grandes cantos são entoados por vozes que ecoam em um chamamento às forças celestiais da natureza e dos nossos encantados, seres de luz. O toré tem sua essência de valor, respeito e conhecimento com grandes significados que, muitas vezes, não podem ser revelados por fazerem parte da religiosidade de um grupo específico. Quando cantamos, sentimos a presença dos encantados, pois, simbolicamente, cada canto possui um dono. É para eles e por eles que cantamos e nos conectamos com o sagrado. Nessa perspectiva, encontramos no toré uma forma de preservação da nossa identidade étnica, pois “a identidade é simplesmente aquilo que se é” (Silva, 2014).

O toré possui uma linguagem capaz de reunir todos ao seu redor, uma vez que demonstra força e resistência, permitindo-nos entoá-lo em qualquer espaço em que haja respeito. De acordo com Austin (1998), “a linguagem não se limita a

proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou um estado de coisa”. Nesse contexto, o toré pode ser compreendido como forma de linguagem dotada de significados e simbologias.

Partindo desse entendimento, é importante destacar que o toré pode ser agrupado em três diferentes categorias, a saber: a) o toré de entrega; b) o toré de alevante; e c) o toré de ajuntamento (Santos, 2019). Tomando como base os utilizados pelo grupo Tonã Toá, optei por fazer a análise de torés de ajuntamento, uma vez que é a categoria mais utilizada em suas apresentações. Nesse sentido, recorro à fala de Santos (2019) para conceituar esse tipo de Toré:

O toré de ajuntamento é quando a gente vai para encontros, para reuniões com outros povos para reivindicar nossos direitos aí não tem quantidade é quanto puder, as vezes até repete o mesmo toré porque o objetivo ali é reunir o máximo de pessoas para poder participar daqueles encontros, ou seja, o toré é quem dá voz para a comunidade.

A partir da fala de Santos (2014), “o toré é quem dá voz para a comunidade”, ou seja, é ele que externa os nossos anseios e vivências, é a chave para as grandes celebrações dentro e fora da comunidade. Não importa se eles são repetidos ou não, pois o intuito é chamar atenção do público para esse movimento cultural e, conseqüentemente, para que entendam as mobilizações realizadas por meio deles. Trata-se, pois, de um aspecto identitário.

Nas palavras de Silva (2014, p. 96), “a identidade não é uma essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade tampouco é homogênea [...] podemos dizer que a identidade é uma construção. A identidade está ligada às estruturas discursivas e às narrativas, a sistemas de representações”. Diante disso, o toré é um sistema de representação linguística potente que verbaliza elementos que constituem a identidade de um grupo étnico específico.

Por meio das estrofes e dos versos, enxergamos a história do nosso povo, visto que, em cada parte dessa organização, visualizamos a nossa cultura e as nossas raízes. O toré tem a força de nos transcender a um mundo espiritual de experiências inexplicáveis. Dito isso, escolhi alguns torés utilizados pelo grupo Tonã Toá para que possamos refletir sobre as suas letras, bem como acerca dos seus significados.

O primeiro toré a ser analisado representa a história do *Tonã Toá* e foi

elaborado pelo precursor do grupo; no entanto, cabe destacar que os torés não são criados pelo autor/pessoa, mas pelos encantados que os entregam à memória da pessoa que o canta e liga-se ao sagrado. O canto se chama “O barro da fonte grande”, o qual apresento-lhe a seguir:

Barro da fonte grande

O barro da fonte grande
É matéria prima de valor (bis)
Toá é o seu nome
E tonã seu protetor
Ô pisa meus índios pisam
Ô pisa devagar, Pisa devagarinho
Que chegou tonã toá. (bis)
Reiô reiô reiova Reiô veiô vaná. (bis)

Para a cultura indígena, Toá significa barro e se trata de um dos elementos utilizados nas festas do Menino do Rancho e na Corrida do Umbu e do Cansanção⁷. A “fonte grande” está localizada em Pankararu, brejo dos padres, é um espaço sagrado onde se encontra a morada dos encantados, na qual se guarda todo o mistério e a sabedoria da ciência indígena. O barro é retirado desta fonte, com a permissão dos encantados, para as celebrações. É uma matéria-prima de valor cultural que nos identifica enquanto pertencentes à essa comunidade. O termo Tonã faz referência aos praiás, à materialidade das suas vestes, à força, à resistência e à sabedoria.

Esse toré é entoado pelo grupo Tonã Toá como forma de reconhecimento e valor, para que sempre saibamos onde pisamos, sem esquecer das nossas raízes. Segundo a liderança do grupo,

O toré “Barro da Fonte Grande” foi criado como uma entrega dos encantados na minha memória, num momento em que estava a meditar um canto sagrado que desse sentido ao que o grupo faz, ou seja, a identidade cultural indígena. Ele é entoado em todas as aberturas dentro e fora da aldeia (Wyrakitã).

A fala do representante do grupo reforça o que foi dito anteriormente: o toré

⁷ O menino do racho é um ritual religioso do povo Jiripankó. Acontece em agradecimento a uma cura alcançada com ajuda dos encantados. As corridas do Umbu é o nome que damos às nossas festividades indígenas denominadas também de “dança do cansanção”, é um ritual que acontece anualmente, tendo início em dezembro com o ponto de abertura e continua até março. A festa ocorre nos finais de semana (sábado e domingo).

não é uma criação humana, mas uma entrega dos encantados a essa pessoa. Em um momento de meditação, ele recebe essa dádiva em sua memória para representar o grupo, bem como para que o grupo também o represente. Esse toré é cantado em todas apresentações, nas aberturas dentro e fora da comunidade.

O segundo toré é intitulado “Meu Deus, que aldeia é essa que eu nunca andei aqui?”⁸. Ele apresenta a história e a origem da aldeia Jiripankó. Vejamos, a seguir:

Meu Deus, que aldeia é essa que eu nunca andei aqui?

Meu deus, que aldeia é essa que eu nunca andei aqui?
Aldeia Jiripankó nascida no “ouricuri”
Carapina e Isabel começaram a povoação,
reuniram seus parentes formaram essa nação,
Nascia Jiripankó, na fonte do Ouricuri;
Nas forças dos ancestrais e de todos que estão aqui.

É filho muito querido nascido de um céu azul
Das terras da Fonte Grande, da nação Pankararu
São as forças do nosso povo,
Alianças, porto seguro, no zelo das tradições
Garantimos nosso futuro.

Meu povo, tu és amado como um filho e um tesouro,
Me sinto por Deus guardado
E pelo batalhão de ouro;
No vermelho da nossa garra;
No azul que traz confiança;
No verde que fortalece a nossa viva esperança.

Que o tempo nunca se apague a memória que lutou
por esse povo querido, doando força e valor,
Jiripankó tu és força viva, para quem busca aliança
Zé Carapina e Isabel deixaram essa confiança
que junto a outros povos construa Nova Esperança.

Cada estrofe apresentada fala sobre o processo de luta para a construção da identidade Jiripankó. Quando entoamos: “*Meu Deus, que aldeia é essa que eu nunca andei aqui? / aldeia Jiripankó nascida no Ouricuri*”, presente nos dois primeiros versos, o advérbio de lugar “aqui” e o termo “ouricuri” se referem à fonte do ouricuri⁹, que serviu como fonte sobrevivência para os primeiros habitantes

⁸ Versão adaptada e expandida por Cícero Pereira do toré apresentado na epigrafe deste trabalho.

⁹ O nome “Ouricuri” foi denominado pelo primeiro habitante da comunidade “José Carapina” que, ao chegar, havia vários pés de ouricurizeiro, daí deriva o nome da comunidade “Ouricuri”. A fonte do Ouricuri localiza-se dentro do território Jiripankó.

indígenas que povoaram, Zé Carapina e Isabel, também citados no toré.

Assim como a Fonte Grande, a Fonte do Ouricuri é a morada da nação Jiripankó, considerada um patrimônio natural que preservamos até hoje. O ouricuri foi o primeiro povoado que Carapina povoou, juntamente com os parentes de Pankararu, formando a nossa nação. De acordo com Brennan (1990), nação pode ser compreendida “tanto [como] ao moderno estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso - a natio - uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento” (Brennan, 1990, p. 45 *apud* Silva, 2014, p. 58). Portanto, parto do último sentido apresentado pelo autor, considerando a formação da nação Jiripankó como uma comunidade que construiu vínculos de pertencimento.

Na segunda estrofe, em que destaca: *“É filho muito querido nascido de um céu azul/ das terras da Fonte Grande, da nação Pankararu”*, é possível verificar a presença do substantivo pronominal indefinido “filho” que, na cultura brasileira, é dotado de valor afetivo, demonstrando vínculos com outros grupos ou pessoas, representa também a continuidade de uma geração, de uma família, de um povo. Este substantivo é acompanhado pelo advérbio de intensidade “muito” acrescido ao adjetivo “querido”, o que reforça a ligação com os encantados. Além disso, reforça a importância da Fonte Grande, citada no toré anterior, bem como destaca a relação com o povo Pankararu na fundação da aldeia.

Na terceira estrofe, *“Meu povo, tu és amado como um filho e um tesouro”*, utilizam o pronome pessoal “tu”, referindo-se à nação Jiripankó como um povo étnico aguerrido de forças naturais. Ademais, é importante destacar o uso da metáfora, em que se infere uma comparação implícita entre o sentimento direcionado ao povo de Jiripankó a “um filho” e a “um tesouro”, demonstrando o forte vínculo com os encantados que se aproximam do povo ao utilizarem o elemento familiar e a riqueza da comunidade, além do uso do pronome possessivo “meu”, em “meu povo”.

Ainda, nessa estrofe, há uma menção as cores que são elementos fundamentais para a cultura Jiripankó. As cores citadas, como o vermelho, o azul e o verde, representam os praiás e/ou encantados, demonstram garra, confiança e esperança para o fortalecimento do povo, para a prosperidade e para a fé.

Na quarta estrofe, o toré encerra falando sobre algo primordial para a história que é o tempo. Assim, entoia: *“Que o tempo nunca se apague a memória que*

lutou”, trazendo-nos uma reflexão sobre a importância da propagação da cultura da aldeia que sofreu tanto para ser reconhecida e para ganhar um espaço na sociedade. Trata-se de um chamamento para que as novas gerações continuem os legados dos nossos ancestrais e é justamente isso que o grupo Tonã Toá está fazendo.

Segundo a Gramática da Língua Portuguesa, a categoria “tempo” serve para localizar as situações expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados” (Mateus *et al.* 2003, p. 129). Nesse interim, considero os torés como enunciados que evocam a atemporalidade da história e da cultura em um constante processo de preservação e de identificação da comunidade indígena Jiripankó. São memórias jamais esquecidas daqueles que lutaram e derramaram sangue. Nessa perspectiva, Bosi (1994),

A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre e a inteligência, que é capaz de inovar. De onde resulta uma concepção extremamente flexível da memória (Bosi, 1994, p. 68).

As memórias constituem a história da vida, dando espaço aos seres no mundo. Em memória de quem lutou para formação de grupo étnico Jiripankó, considero como uma *“força viva para quem busca aliança/ que juntos com os outros povos construa nova esperança”*, fortalecendo a nossa voz nos mais diversos espaços, seja na comunidade e/ou na universidade, como é o caso desta pesquisa. Para finalizar a análise desse toré, recorro às palavras do fundador do grupo Tonã Toá que destaca:

As rimas desse toré estão centradas na origem do povo Geripankó e a cosmologia da sagrada argila que tingimos o corpo (toá), a veste do encantado material (tonã), a força, a reverência e a proteção dos encantados para o começo de uma cerimônia religiosa indígena e sagrada para nós, o Toré - dança tradicional indígena. Esse toré é entoado para falar das belezas do povo Geripankó (Wyrakitã).

Há diferentes grafias em referência ao nome da etnia. Segundo Silva (2015), “entre eles: Geripancó, Jiripankó e Jeripankó, optamos por Jeripankó, com base na oralidade da aldeia e no processo de adequação da Língua Portuguesa que indica uso do “J”, em palavras de origens Indígena” (Silva, 2015, p. 3). Todas as formas de

escritas em referência ao nome da comunidade são corretas. Uma observação a ser feita é em relação ao processo de troca das letras “K” e “C”. Amorim (2010) *apud* Silva (2015, p. 196) destaca que “o processo de troca do “C” por “K” faz parte de um aspecto técnico, introduzido com a incorporação das letras Y, K e E em nosso alfabeto, utilizados em termos científicos”.

Nesse viés, considero que a cultura fortalece o povo. Os cânticos (toré) que apresentei falam sobre ter voz e fazer com que ela seja ouvida. A partir desse estilo de música indígena, firmamos o nosso compromisso com a cultura e com a busca pelos nossos direitos.

Este capítulo buscou analisar e refletir sobre dois Torés do povo Jiripankó, que são utilizados em apresentações do grupo Tonã Toá. O primeiro toré é de uso específico do grupo e o segundo é usado como hino do povo Jiripankó, em momentos de celebrações, rituais ou em eventos fora da comunidade. O toré é uma das bases de representação do nosso povo, revelando-se como um mecanismo de identificação e de encontro espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar a perspectiva da juventude indígena da comunidade Jiripankó, localizada no sertão alagoano, em meio aos movimentos culturais e à universidade, a partir de reflexões sobre a experiência juvenil e sobre o protagonismo. Diante disso, é possível verificar a presença e a participação dos jovens como uma forma de resistência e existência em meios aos desafios que os povos indígenas, mais especificamente, os Jiripankó enfrentam no dia a dia. Dessa maneira, quando um jovem busca a manutenção da cultura, da tradição e dos valores étnicos, observamos um grande avanço para que nossas histórias não se percam no tempo e no espaço.

O movimento de luta vem dos nossos antepassados, são deles que recebemos forças, porque se encontram em nós, não de forma material, mas espiritual, em memórias, por meio da natureza (entre as matas), das águas (entre rios e cachoeira), na terra na qual pisamos, no ar em respiramos, nos cânticos (toré).

Essa é a nossa cultura!

Desse modo, tive a grande satisfação de realizar esta pesquisa, contando com a colaboração de outros jovens da comunidade Jiripankó, que aceitaram responder a algumas perguntas sobre os movimentos sociais, o protagonismo e o papel da universidade para o futuro dos indígenas. A partir das entrevistas, foi possível verificar que não existe apenas uma juventude (singular), mas diferentes juventudes (plural), em que ser indígena não está vinculado a um estereótipo e que cada indivíduo, por mais que carregue o traço identitário da cultura, possui uma identidade individual, na qual ele tem autonomia de escolher quais serão os caminhos que deseja trilhar.

Em relação ao acesso à universidade, com o Curso Intercultural, vivenciamos um espaço aberto à diversidade e à pluralidade, quebrando paradigmas colonialistas presentes nessa sociedade elitista e eurocêntrica em que vivemos. Acredito numa educação superior de qualidade que atenda às especificidades das comunidades indígenas; na inclusão da juventude em meios às lutas; e na ocupação dos espaços que são nossos por direito.

Essa visão demonstra que existem várias culturas e que devemos compreender esses espaços como local de produção, de compartilhamento de saberes, de socialização de experiências, de engajamento da juventude, de luta, resistência, existência, e, acima de tudo: um ambiente que priorize o respeito. Por isso, apesar de considerar a comunidade o centro da nossa cultura e do nosso conhecimento, entendo a universidade também como um território de luta, pois é a partir desse acesso que nós indígenas conseguimos que nossas vozes sejam ouvidas e validadas. Desejo, pois, que este percurso seja contínuo, marcado por diferentes gerações de jovens que considerem cada povo enquanto parte de *nós*.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. **Entrevista realizada em 24/11/2023 sobre o conhecimento do Toré Jiripankó.**

AUSTIN, J.L. **Como hacer cosas con palabras.** Barcelona: Paidós, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3 ed. São Paulo, 1994.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br>. Acesso em 29 jun. 2023.

CLIND. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Estadual de Alagoas.** Palmeira dos Índios-AL, 2018.

DAYRELL, J.; GOMES, N. L. **A juventude no Brasil.** Belo Horizonte, 2009.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

KAYAPÓ, E.; SCHWINGEL, K. **Universidade:** território indígena! Porto Alegre: COMIN: Fundação Luterana de Diaconia, 2021. 36 p.: il.; 21 cm.

KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do Bem Viver.** Rio de Janeiro: Escola Parque, 2020. Disponível em <http://www.culturadobemviver.org/>. Acesso em 05 jun. 2023.

MATEUS, M. H. M *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa, 2003.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.). **Etnografia e educação:** conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.

PARDO, F. S. Decolonialidade e ensino de línguas: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado no cenário político atual. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 3, p. 200-222, 2019.

PEIXOTO, J. A. L. **Minha identidade é meu costume:** religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas. 2018. 205f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositivo**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

SANTOS, C. P. **Entrevista realizada em 03/12/2019 sobre o conhecimento do Toré Jiripankó.**

SANTOS, J. P.; FERREIRA, M.; SANTOS, V. O que é ser uma criança indígena? Um olhar da criança Jeripankó. In: **Abril Indígena**, 11., Estudos Cooperados do CLIND, 4. Palmeira dos Índios: GPHIAL; CLIND, 2022. p. 81-88.

SANTOS, C. P. **O tronco, a rama e a semente**: terras e territorialidades Jiripankó. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2023.

SILVA, A. C. **JERIPANKÓ**: história ritual e cultura. Monografia do curso de Licenciatura Indígena de Alagoas – CLIND. Universidade Estadual de Alagoas, 2015. Disponível em: <https://www.gphial-uneal.com.br/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, A. H. L. Terra, tradição e Etnia: As estratégias de resistência dos Geripankó. In: AMEIDA, L. S.; SILVA, A. H. L. (Orgs.). **Índios de Alagoas**: cotidiano, terra e poder. Índios do Nordeste: temas e problemas; v. 11. Maceió: EDUFAL, 2009.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.

SOUZA, A. L. S.; JOVINO, I. S.; MUNIZ, K. S. Letramento de reexistência - um conceito em movimentos negros. **Revista da ABPN**, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, 2018.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

UNEAL. **Universidade Estadual de Alagoas**. Plataforma digital. Disponível em: <http://acervo.uneal.edu.br/campi/campus-iii-palmeira-dos-indios>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Este livro apresenta ao leitor a relação entre a resistência indígena e a universidade, demonstrando histórias de protagonismo, conquistas e superações.

A partir de relatos, a obra expõe como o acesso ao ensino superior se torna ferramenta de transformação social. O texto é um convite à reflexão sobre a necessidade de incluir vozes indígenas na universidade, reconhecendo que a educação deve ser plural e inclusiva para fortalecer a identidade dos povos originários no processo de reparação histórica.



SUA FEIRA DE LIVROS